

PAULO

NA ORIGEM DO CRISTIANISMO

COLEÇÃO BÍBLIA E HISTÓRIA

- Culto e comércio imperiais no apocalipse de João – *J. Nelson Kraybill*
- Jesus exorcista: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3,20-30 – *Irineu J. Rabuske*
- Metodologia de exegese bíblica – *Cássio Murilo Dias da Silva*
- O projeto do êxodo – *Matthias Grenzer*
- Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia – *Benito Marconcini*
- Os reis reformadores: culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo – *Richard H. Lowery*
- Para compreender o livro do Gênesis – *Andrés Ibañez Arana*
- Profetismo e instituição no cristianismo primitivo – *Guy Bonneau*

SÉRIE MAIOR

- A morte do Messias; comentário das narrativas da Paixão nos quatro Evangelhos (2 vols.) – *Raymond E. Brown*
- Anjos e Messias; messianismos judaicos e origem da cristologia – *Luigi Schiavo*
- Entre o céu e a terra, comentário ao “Sermão da Montanha” (Mt 5-7) – *Franz Zeilinger*
- Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese – *Anthony Saldarini*
- Introdução ao Novo Testamento – *Raymond E. Brown*
- O nascimento do Messias; comentário das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas – *Raymond E. Brown*
- Rei e Messias em Israel e no Antigo Oriente Próximo – *John Day (Org.)*
- Ressuscitado segundo as Escrituras – *Willibald Bölsen*
- Tobias e Judite – *José Vélchez Lández*
- Paulo na origem do cristianismo – *Carlos Gil Arbiol*

Carlos Gil Arbiol

PAULO

NA ORIGEM DO CRISTIANISMO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gil Arbiol, Carlos J., 1970-
Paulo na origem do cristianismo / Carlos Gil Arbiol ; tradução Paulo
F. Valério. -- São Paulo : Paulinas, 2018. -- (Bíblia e história. Série maior)

Título original: Pablo en el naciente cristianismo
Bibliografia
ISBN 978-85-356-4398-5

1. Cristianismo - Origem 2. Igreja - História 3. Paulo, Apóstolo, Santo
4. Teologia I. Título II. Série.

18-14369

CDD-270.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Paulo, Apóstolo : Cristianismo : Origem : História 270.092

Título original: *Pablo en el naciente cristianismo*
© Editorial Verbo Divino, (Navarra), Espanha, 2015.

1ª edição – 2018

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Conselho editorial: *Dr. Antonio Francisco Lelo*
Dr. João Décio Passos
Maria Goretti de Oliveira
Dr. Matthias Grenzer
Dra. Vera Ivanise Bombonato

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*
e Matthias Grenzer

Tradução: *Paulo F. Valério*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida
por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico,
incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2018

Sumário

Apresentação	11
Introdução	15

PRIMEIRA PARTE Como chegamos até aqui?

Capítulo 1 • Como ler Paulo, hoje.....	19
1. Perspectivas atuais nos escritos paulinos.....	20
2. Como ler Paulo hoje	35
Bibliografia	39

SEGUNDA PARTE Quais são os aspectos centrais do tema?

Capítulo 2 • A vocação de Paulo e a origem de sua vocação.....	45
1. O judaísmo de Paulo.....	45
2. Os judeus messiânicos (helenistas) de Damasco.....	49
3. Encontro de Paulo com os helenistas de Damasco	52
4. Cronologia.....	59
Bibliografia	60
Capítulo 3 • A cosmovisão de Paulo.....	63
1. O judaísmo de Paulo relido a partir de Damasco.....	63
2. A novidade teológica que a morte de Jesus traz para o judaísmo	67
3. As conseqüências desta nova visão teológica para a identidade judaica.....	78
4. O olhar retrospectivo e prospectivo de Paulo	82
Bibliografia	84

Capítulo 4 • O início da <i>ekklêsia</i>	87
1. A preparação de sua missão	88
2. O início da <i>ekklêsia</i>	94
Bibliografia	103
Capítulo 5 • A identidade da <i>ekklêsia</i>	105
1. Primeiros conflitos e desafios da <i>ekklêsia</i>	105
2. A nova identidade na <i>ekklêsia</i>	109
3. O “gênio” de Paulo	125
4. A relação da <i>ekklêsia</i> paulina com outros	127
Bibliografia	132

TERCEIRA PARTE
Questões abertas ao debate atual

Capítulo 6 • A pseudoepigrafia e o <i>corpus</i> paulino.....	135
1. A atividade literária na <i>ekklêsia</i> paulina	135
2. A recopilação das cartas originais de Paulo	150
3. O nascimento do <i>corpus</i> paulino.....	158
Bibliografia	161
Capítulo 7 • Paulo e a memória de Jesus.....	163
1. Paulo e Jesus em seu(s) tempo(s).....	164
2. O conhecimento que Paulo teve de Jesus	169
3. Importância de Jesus na história de Paulo.....	173
Bibliografia	175
Capítulo 8 • A reconstrução de Paulo no cristianismo nascente.....	177
1. Os silêncios de Lucas sobre Paulo.....	177
2. As coincidências e as discrepâncias sobre Paulo em suas cartas e nos Atos.....	179
3. A reconstrução de Paulo	182

4. Paulo como modelo da Igreja no início do segundo século	186
Conclusão.....	190
Bibliografia	191

QUARTA PARTE
Para aprofundar

Capítulo 9 • Relevância atual de Paulo e sua tradição	195
1. O projeto de Paulo no marco do judaísmo de seu tempo e do cristianismo nascente	197
2. A relação de Paulo e seu projeto com o Império e o mundo	201
3. A estratégia da autoestigmatização e a imagem de Deus.....	205
Bibliografia	208
Bibliografia comentada.....	209

Apresentação

Por mais que se tenha pesquisado, inquirido, escrito e debatido sobre Paulo, sua pessoa, sua formação, suas ideias, seu papel no cristianismo nascente e as diversas interpretações de seus escritos multiplicam-se com incrível velocidade.

Gil Arbiol, após anos de investigação sobre a figura paulina, oferece-nos uma obra um tanto diversa de outras com as quais estamos habituados. Primeiramente, sua obra integra uma prestigiosa coleção espanhola denominada *Qué se sabe de...*, “O que se sabe de...”, publicada por Editorial Verbo Divino. O escopo dessa coleção é oferecer livros que descortinem os estudos bíblicos e histórico-bíblicos mais recentes a um público não especializado; portanto, trata-se de uma obra de divulgação que será útil tanto aos mais iniciados nos estudos bíblicos quanto àqueles que desejam obter uma visão geral de como esse assunto é compreendido nos tempos atuais.

Em segundo lugar, Arbiol não se concentra em temas propriamente teológicos de Paulo; seu objetivo é outro. Em seu livro, ele demonstrará que a Igreja, tal como se organizou a partir da destruição de Jerusalém em 70 d.C., não era aquela imaginada e pregada pelo apóstolo dos gentios, como ficou conhecido. O projeto histórico de Paulo era renovar o judaísmo, enxertando nele novos ramos não judaicos, conforme exprime em Rm 11,16-24. Algo, aliás, muito próximo ao pretendido também por Jesus de Nazaré. No entanto, Paulo não logrou êxito com seu projeto. Dois fatores foram determinantes, segundo Arbiol: “a progressiva e, às vezes, traumática penetração dos crentes em Cristo nas estruturas do Império [romano]... e seu progressivo distanciamento do judaísmo rabínico, muito menos proselitista que durante o período helenístico”. Esses fatores, aliados à necessidade de encontrar uma identidade para o cristianismo, levaram os cristãos a recorrer aos escritos de Paulo, mas não da maneira como este teria pretendido.

O cristianismo surgirá, especialmente após o Edito de Tessalônica por parte do imperador Teodósio (380 d.C.), como uma nova religião, algo bem distante daquilo que desejara Paulo. Isso fará com que a obra paulina seja utilizada pelos cristãos, especialmente pelos Padres da Igreja, como antagonista ao judaísmo: “os cristãos criam na graça como condição de salvação e no indivíduo como sujeito receptor

desse dom divino inalcançável de outro modo; os judeus criam no esforço e no mérito próprios, assim como o povo de Israel como sujeito coletivo dos favores divinos”. Lutero, com sua reforma, aprofundará essa perspectiva opondo justiça humana à gratuidade da justiça divina. Nascerá, daí, uma oposição: lei (Torá → judaísmo) e Evangelho (graça → cristianismo). Essa caricatura da teologia paulina redundará em uma interpretação ridícula do judaísmo e bloqueará as consequências que essa teologia poderia ter para o próprio cristianismo. Isso durou, constata Arbiol, até os séculos XIX e XX.

Portanto, este livro que agora chega às mãos dos estudiosos brasileiros buscará recolher as contribuições que foram dadas pelas diferentes formas de abordar Paulo e seus escritos: a “perspectiva tradicional” (BAUR, WEBER, BOUSSET, BULTMANN, BORNKAMM et al.); a “nova perspectiva” (SANDERS, DUNN et al.); a “nova perspectiva radical” (STENDAHL, GASTON, THOMSON, NANOS, STOWERS, EISENBAUM et al.); a abordagem “pós-colonial” (HORSLEY, GEORGI, KOESTER, FIORENZA, ELLIOTT et al.); e a abordagem levando em conta as ciências sociais, como a antropologia cultural, a sociologia, a psicologia social etc. (ELLIOTT, THEISSEN, MEEKS, ESLER et al.). Segundo Arbiol, todas as formas de abordagem trazem sua contribuição e ajudam, de um modo ou outro, a melhor conhecer a pessoa, o pensamento e a atuação de Paulo. Contudo, o leitor de Paulo deverá sempre escolher de qual perspectiva desejará interpretar o pensamento paulino. Um lugar hermenêutico é fundamental, pois não existe leitura isenta de um determinado ponto de vista, ou seja, com a pretensão de total objetividade. Inclusive, destaca Arbiol, “não há leituras inócuas; todas têm consequências, algumas mais que outras (e mais profundas)”.

Por isso, Arbiol detecta seis critérios que lhe parecem úteis para alguém se situar criticamente diante da história da interpretação de Paulo: a) superar a oposição judaísmo-cristianismo, compreendendo melhor o judaísmo do tempo paulino; b) situar Paulo em seu lugar, como alguém que intentava renovar o judaísmo e não fundar uma nova religião; c) aceitar as ambiguidades e incoerências de Paulo, afinal, os escritos dele são “situacionais”, dependem do contexto; d) hierarquizar as afirmações, ideias e opções de Paulo; é bom recordar que as cartas paulinas são apenas uma parte, talvez nem a mais importante, de seu projeto messiânico; portanto, nem tudo aquilo que Paulo diz em suas cartas tem valor igual; e) enquadrar os dados em uma visão teológica correta; talvez aquilo que seja mais “original” em

Paulo é a paradoxal centralidade da cruz, do Crucificado, diante de outras imagens de Jesus (cf. Fl 2,6-8); a revelação ocupa lugar central em sua “teologia”; f) utilizar outras abordagens além da teológica, como a histórica, a sociológica etc.

Nesse sentido, o autor deste livro deixa claro que não adotará um ponto de vista doutrinal, mas afirma que usará “as perguntas e recursos conceituais do método histórico-crítico e, subsidiariamente, de outras disciplinas (sociologia, antropologia cultural, psicologia...), incluindo a teológica, que nos dará instrumentos para descobrir tanto as imagens de Deus que aparecem nas cartas de Paulo como a proposta que Paulo faz ao leitor de seu tempo”.

Caríssimo leitor, você tem em mãos um livro que o respeita e busca fornecer-lhe os instrumentos necessários para ler e compreender Paulo em seu tempo, em sua religião, em suas aspirações e projetos. Obviamente, Paulo pode nos dizer muito nos tempos atuais, nos quais vivemos desorientados por uma globalização que provocou uma crise nas identidades nacionais e étnicas, fazendo ressurgir o apetite nacionalista e tribalista, bem como distanciou os centros de decisão dos cidadãos comuns, que torna o poder algo mais abstrato e sem um rosto, mas nem por isso menos opressor e repressor. Por isso, mais do que nunca, Paulo é bem-vindo para nos fazer compreender que a fé nasce do vazio de garantias e é a sensibilidade para descobrir o sentido de nossa existência. Deus é graça e dom a um povo que busca fugir do mal para iniciar uma nova vida (BAGETTO, Luca. *San Paolo: l'interruzione della legge*, 2018, p. 14).

A Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB) é honrada por poder contar com a presença de Carlos Gil Arbiol em seu VIII Congresso Internacional de Pesquisa Bíblica (27-30 de agosto de 2018, PUC-Paraná, Curitiba), bem como por promover a publicação desta sua primeira obra em nosso país.

São Paulo, 8 de março de 2018
Dia Internacional da Mulher

Pe. Dr. Telmo José Amaral de Figueiredo
Presidente da ABIB

Introdução

Paulo de Tarso é uma das figuras mais contraditórias, influentes e arreadias da história da humanidade; e uma das mais incompreendidas. Ele teve papel insubstituível na origem do cristianismo, mas foi interpretado frequentemente como um espelho dos preconceitos e desejos de seus intérpretes, que o apresentaram, às vezes, ou como o fundador do cristianismo ou como traidor do judaísmo; outras vezes, como revolucionário romano; outras vezes ainda, como grande pensador, filósofo ou teólogo; e outras mais, como um misógino digno de ostracismo. A maioria dessas imagens se apoia em algum dado histórico, mas também deixa transparecer pressupostos que apenas permitem ver a complexidade e a riqueza, a genialidade e a limitação, o êxito e o fracasso de alguém que sonhou um mundo novo em um tempo difícil.

Como se percebe no título, este livro não se concentra na figura histórica de Paulo, mas principalmente em sua contribuição para o momento conturbado que lhe coube viver. Paulo foi um judeu de seu tempo que pretendeu restaurar o judaísmo voltando a suas raízes, tal como o havia descoberto no paradoxal acontecimento da morte de outro judeu, Jesus de Nazaré. O sentido que Paulo conferiu àquela morte na cruz foi teológico: Iahweh revelava-se de modo novo. E as consequências foram políticas, sociais e religiosas (sem que se possam separar umas das outras): renovar o judaísmo mediante a transformação das relações sociais e perante a iminência do final da história. No entanto, seu projeto, concretizado na criação da *ekklêsia*, sofreu uma profunda transformação depois de sua morte, de modo que nem Israel aceitou sua proposta nem o tempo chegou a seu fim. Esta reconstrução é o que deu lugar, juntamente com outra série de acontecimentos, à origem do cristianismo como religião.

Este livro pretende oferecer uma leitura historicamente plausível e teologicamente coerente da contribuição de Paulo para o surgimento do cristianismo, e da transformação de seu legado após sua morte. Não discute, portanto, alguns temas que mereceriam atenção, caso se tratasse de um livro somente sobre ele, como sua cristologia, por exemplo. O primeiro capítulo oferece uma visão de conjunto das perspectivas e correntes que mais influenciaram na pesquisa histórica atual

sobre Paulo de Tarso. Os quatro capítulos seguintes (2, 3, 4 e 5), agrupados sob o título dos aspectos centrais do tema, desenvolvem o projeto de Paulo, enraizado em sua própria experiência religiosa e desdobrado em uma estratégia de criação de assembleias de fiéis. Os três capítulos subsequentes (6, 7 e 8), dentro do parágrafo de questões abertas, mostram o desenvolvimento e a transformação daquele projeto paulino, aparentemente fracassado, mediante a reconstrução de sua memória, de sua imagem e de seus textos. Por fim, os dois últimos capítulos (9 e 10) oferecerem reflexões sobre a importância atual de alguns temas desenvolvidos no livro, assim como uma seleção bibliográfica comentada para aprofundar.

PRIMEIRA PARTE

Como chegamos até aqui?

Capítulo I

Como ler Paulo, hoje

A figura de Paulo de Tarso revela-se uma das mais paradoxais, atraentes e esquivas da história da humanidade, não tanto pela personagem histórica, mas pelas leituras e interpretações que se fizeram dele, por seus seguidores e detratores, que construíram uma imagem caleidoscópica de infinidade de cores, mais do que um retrato reconhecível. A seu respeito, Friedrich Nietzsche escreveu que era “uma das almas mais ambiciosas e inoportunas, de mente tão supersticiosa quanto astuta”, um homem “muito atormentado e miserável, tão desagradável para os outros quanto para si mesmo”. O paradoxo de Paulo, tal como o capta Nietzsche, é que, de um lado, “sem esta história singular, sem os desvarios e arroubos de uma cabeça semelhante, de uma alma assim, não existiria o cristianismo; apenas teríamos tido notícias de uma pequena seita judia, cujo mestre morreu na cruz”. No entanto, continua, “se se tivesse lido [Paulo], se tivesse sido *realmente lido*..., há muito tempo teria desaparecido o cristianismo” (*Aurora*, 68). A linguagem exagerada de Nietzsche não nos deve impedir de ver a porção de verdade que sua leitura contém: Paulo teve um papel de monumental importância nas origens do cristianismo, mas foi lido demasiadas vezes como um espelho dos preconceitos e dos desejos de seus intérpretes.

Um dos livros recentes sobre Paulo que aspira a ser um manual de referência (WESTERHOLM, 2011) abriga, em sua introdução, uma opinião extremista: que a exegese histórico-crítica que dominou a interpretação bíblica no último século e meio findou por tornar irrelevante a Bíblia, de modo geral, e particularmente Paulo, porque distanciou das preocupações do leitor o significado dos textos. Deste diagnóstico deriva uma espécie de retorno às preocupações teológicas da leitura de Paulo, perceptíveis, como veremos, em diversas obras atuais. Entretanto, curiosamente, faz-se um diagnóstico radicalmente diferente a partir de instâncias menos teológicas (MATE, 2006): no momento em que se resgata Paulo do confinamento dogmático no qual alguns teólogos o enclausuraram, é possível descobrir a importância de seu pensamento e de sua visão. Descobre-se tal influência na dimensão

filosófica e política de sua luta para encontrar a relação entre a justiça e a lei, de sua busca da hospitalidade e do universalismo etc. Desse modo, muitos recuperaram a relevância de Paulo também hoje.

1. Perspectivas atuais nos escritos paulinos

No processo de criação de identidade dos que creem em Cristo que se iniciou no fim do século I de nossa era, foi decisivo o recurso à figura de Paulo. Quando este conjunto de fiéis superou a crise da esperada parúsia, que não chegou depois do ano 70 d.C., começou a crescer exponencialmente e mudou radicalmente de estratégia: de um conjunto de grupos de resistência passou a ser uma organização cada vez mais institucionalizada, que foi penetrando pouco e pouco nas estruturas do Império Romano, em um processo de mútua influência, marcado pela acolhida e rejeição mútuas.

Esta situação se viu afetada definitivamente por um fenômeno em grande medida inverso: a deterioração da imagem dos judeus depois das duas guerras perdidas (ano 67 e 135 d.C.) fez diminuir o número de pagãos interessados no estilo de vida judaico. Ambos os processos – a progressiva e às vezes traumática penetração dos crentes em Cristo nas estruturas do Império, de um lado, e seu distanciamento gradual do judaísmo rabínico, muito menos proselitista do que durante o período helenístico, de outro – criaram uma situação absolutamente nova, que mudou para sempre a configuração do mundo conhecido, e que assentaria as bases da construção da Europa (SAND, 2011). Em fins do século IV de nossa era, ambos os processos se haviam concluído: com o Edito de Tessalônica, por parte de Teodósio (380 d.C.), confirma-se a nova religião, o cristianismo, única religião oficial do Império. Durante esses anos, as interpretações de Paulo foram fundamentais no processo de identificação da origem do cristianismo diante do judaísmo rabínico.

Contudo, este não foi o propósito de Paulo, cujo projeto era renovar a árvore do judaísmo, enxertando nela novos ramos não judaicos (cf. Rm 11,16-24). Poderíamos dizer, portanto, que o cristianismo, como religião, foi, contrariamente à opinião mais difusa, a consequência do fracasso do projeto histórico de Paulo, como veremos ao longo destas páginas. Aqueles ramos de oliveira silvestre enxertados na oliveira cultivada para mostrar o projeto de Deus (uma árvore na qual haveria ramos de qualquer procedência), não lograram seu objetivo. Não sabemos que balanço Paulo

teria feito dos anos que se seguiram à sua morte, mas não resta dúvida de que a gradativa separação entre o judaísmo rabínico e os crentes em Cristo, juntamente com o posterior surgimento do cristianismo como religião ante o judaísmo, está muito distante de corresponder aos sonhos de Paulo. É preciso buscar outros atores históricos, muitos anos depois, para entender como se transformou a memória de Paulo.

Primeiramente Tertuliano de Cartago (160-220 d.C.) e, posteriormente, Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) assentaram as bases para uma leitura de Paulo marcada por um antagonismo: os cristãos acreditavam na graça como condição de salvação e no indivíduo como sujeito receptor desse dom divino inalcançável de outro modo; os judeus acreditam no esforço e no mérito próprios, assim como no povo de Israel como sujeito coletivo dos favores divinos. A disputa de Agostinho com Pelágio, que defendia ser possível viver uma vida sem pecado porque as pessoas estavam dotadas de liberdade e de vontade, determinou para os séculos posteriores a leitura hegemônica de Paulo, principal argumento de Agostinho para defender que todas as pessoas são pecadoras e que somente Deus determina quem é salvo e quem não. A partir desse momento, Paulo foi lido como o apóstolo da graça que deu identidade ao cristianismo diante do judaísmo que se apoiava em suas próprias forças e estava destinado à perdição.

Quando Lutero entra em cena no século XVI, a situação não havia mudado muito. Sua leitura de Paulo, especialmente de algumas passagens como Rm 1,17 (“O justo viverá pela fé”), permitiu-lhe estabelecer um princípio básico: a graça de Deus é primeira, gratuita; as ações boas vêm depois, como consequência daquela, nunca como condição para ganhá-la. Esta interpretação teve em Lutero um forte componente biográfico. Parece-me bastante esclarecedor permitir que Lutero fale um momento; no prólogo da edição latina de suas obras completas, escreveu o seguinte:

Senti-me instigado por um estranho desejo de conhecer Paulo na carta aos Romanos; minha dificuldade radicava-se não no cerne, mas em uma só palavra que se encontra no capítulo primeiro: “A justiça de Deus está revelada nele”. Odiava a expressão “justiça divina”, que sempre havia aceitado, seguindo o uso e o costume de todos os doutores, em um sentido filosófico da chamada “justiça formal e ativa”, em virtude da qual Deus é justo e castiga os pecadores e injustos. Apesar de minha vida monacal ser irrepreensível, sentia-me pecador diante de Deus, com a consciência mais perturbada, e minhas satisfações revelavam-se incapazes de

conferir-me a paz. Não o amava, mas detestava cada vez o Deus justo, castigador de pecadores. Indignava-me contra esse Deus, alimentando secretamente se não uma blasfêmia, pelo menos uma violenta murmuração (...).

Até que, enfim, por piedade divina, e depois de meditar noite e dia, percebi a concatenação das duas passagens: “A justiça de Deus se revela nele”, “conforme está escrito: o justo vive da fé”. Comecei a dar-me conta de que a justiça de Deus não é outra senão aquela pela qual o justo vive o dom de Deus, ou seja, da fé, e que o significado da frase era o seguinte: por meio do Evangelho se revela a justiça de Deus, isto é, a justiça passiva, em virtude da qual Deus misericordioso nos justifica pela fé, conforme está escrito: “o justo vive da fé”. Senti-me, então, um homem renascido e vi que se me haviam aberto as comportas do paraíso. A Escritura inteira apareceu-me com aspecto novo (LUTERO; EGIDO, 2001, p. 370).

Este testemunho mostra-nos tanto a paixão de Lutero em sua interpretação de Paulo como a parcialidade com a qual o leu: a oposição entre a impossível justiça humana (baseada no descumprimento da Torá judaica) e a gratuita justiça divina (oferecida no Evangelho de Cristo). Para Lutero, que nisto é devedor de uma tradição herdada, a função da Torá havia sido temporal, até à vinda de Cristo, que estabeleceu o verdadeiro mecanismo de salvação: o Evangelho. Destarte, a contraposição entre lei (Torá) e Evangelho (graça) determinará a oposição entre judaísmo e cristianismo. Infeliz e surpreendentemente, esta leitura descontextualizada de Paulo tornou-se hegemônica até há muito pouco tempo e, entre outras consequências, fez do judaísmo uma caricatura, uma religião ridícula e impossível.

1.1. As perspectivas tradicionais e suas alternativas

Assim chegamos ao século XIX e XX na história da interpretação de Paulo, a qual se chegou a chamar de “perspectiva tradicional”, defendida por autores como Ferdinand Christian Baur, Ferdinand Weber, Wilhelm Bousset, Rudolf Bultmann e Gunther Bornkamm, entre outros (cf. ZETTERHOLM, 2009). Bultmann propôs-se, no marco da teologia liberal da primeira metade do século XX, libertar a fé cristã de seus mitos e milagres, de tudo aquilo que a tornava irracional e inaceitável para a compreensão liberal. Parte importante deste programa de “desmitologização” era livrar-se das obras justas como condição necessária para a salvação, de modo que ficasse evidente, com toda a sua radicalidade, a “justificação pela fé”, a gratuita

iniciativa de Deus, que pede uma aceitação sem condições. Para defender esta leitura de Paulo com o brilhantismo necessário, precisava-se de um pano de fundo obscuro, de um contexto no qual contrastasse suficientemente: assim, cultivou-se nos ambientes acadêmicos cristãos uma visão simplificada e distorcida do judaísmo.

Esta leitura via o judaísmo como uma religião do passado e, talvez, do futuro, mas não do presente. Para a teologia liberal, Deus havia intervindo no passado através das muitas ações com as quais tinha mostrado ao povo de Israel seu projeto de salvação que se cumpriria em um futuro que ainda não havia chegado. O presente, de acordo com esta perspectiva, revelava-se um parêntese que só tinha sentido como uma espera na qual Deus recompensava as obras de justiça; a pessoa devia alcançar a fidelidade de Deus e a esperança de estar, no final, entre os eleitos. Este judaísmo havia substituído a piedade por um sistema legalista de controle, fazendo com que a vida cotidiana estivesse dominada por conceitos totalmente anacrônicos que, longe de oferecer o que prometiam, redundavam ridículos. Ademais, dado que toda a esperança dependia do cumprimento de cada crente, e toda pessoa fiel é falível e continuamente transgride os preceitos de Deus, o único destino de quem punha sua esperança neste sistema religioso era a morte. Agindo assim, cada crente se convertia em uma ofensa ao próprio projeto de Deus. A conclusão óbvia desta leitura era que o judaísmo é uma religião inferior, uma preparação para a religião absoluta, perfeita, que é o cristianismo.

Neste pano de fundo obscuro, a “perspectiva tradicional” permitia destacar Paulo como um relâmpago na noite. Paulo descobriu e mostrou em suas cartas que a Torá (e, portanto, as obras de justiça) apenas dão conhecimento do pecado, da própria limitação da pessoa. Esta interpretação de Paulo sublinhava, além do mais, que a Torá, em vez de alcançar a vida, conduz e, inclusive, incita ao pecado, à tendência da pessoa ao mal e à morte. Nesta situação, Paulo afirma que somente a fé em Cristo liberta de tal amarra, mostrando a vontade salvífica de Deus: a justificação pela fé, pela confiança em sua ação redentora. Cristo oferece uma nova aliança no Evangelho que deixa antiquada e caduca a anterior, a da lei. Esta nova aliança permite o acesso a Deus de um povo que transcende as fronteiras de Israel. Trata-se de uma oferta de caráter universal, mediante a promessa gratuita do Evangelho para todos. Portanto, Paulo aparece, nesta perspectiva, fora do judaísmo; sua proposta do Evangelho mostra-se como contrária à Torá. Paulo, o “convertido do judaísmo”, é o “fundador do cristianismo”.

Mesmo que eu tenha feito uma apresentação simplificada, pois, obviamente, esta perspectiva oferece muito mais nuances, o leitor percebeu claramente o problema fundamental desta leitura de Paulo: precisa defender uma visão negativa e equivocada do judaísmo. Isto é o que desmoronou com o trabalho de um exegeta que mudou o panorama dos estudos paulinos, dando início à chamada “nova perspectiva” (citada geralmente em inglês como “new perspective”).

Ed Parish Sanders estudou o judaísmo do tempo de Paulo e apresentou um resultado surpreendente (SANDERS, 1977): compreende-se melhor o judaísmo quando concebido como uma religião centrada na aliança, não na lei. A teologia da aliança permite acessar o núcleo da identidade judaica do tempo de Paulo: Deus havia feito com seu povo uma aliança por iniciativa própria, gratuitamente. Ou seja, esta perspectiva mostrava que a aliança não era senão uma amostra da graça do Deus de Israel que havia decidido oferecer a um povo a salvação por pura misericórdia (*hesed* ou *hasadim*, em hebraico). Neste contexto, o cumprimento da Torá para um judeu era a resposta agradecida a Deus ao aceitar essa oferta gratuita, misericordiosa. A lei, as obras de justiça, não obtinham nada para o crente judeu, apenas o mantinham dentro da aliança que Deus oferecia gratuitamente, por graça. Logicamente, esta perspectiva contava também com a possibilidade das transgressões, falhas e injustiças; por isso mesmo, a lei incluía um sistema de sacrifícios que devolvia ao crente o caminho da aliança. Sanders citou uma multidão de textos do judaísmo do tempo de Paulo que provavam a centralidade da graça (*Mekiltá Bahodesh* 5-6.9; *Mixná Berakot* 2,2; IQM col. XI,3-5; IQH col. IV, 11-12; col. V,19-25; col. IX,7-33, etc.). Cito um dos hinos encontrados em uma coleção de Qumrã (IQH col. XIX,29-32):

Bendito sejas,
ó Deus de misericórdia e compaixão,
pela força de teu poder
e pela grandeza de tua verdade,
e pela multidão de tua graça (*hasadim*)
e por todas as tuas obras!
Que se alegre a alma de teu servo com tua verdade,
limpa-me com tua justiça.

Como tenho confiado em tua bondade,
e esperado tua graça (*hasadim*),
assim me libertaste de minhas calamidades
conforme tua misericórdia;
e em minha aflição me confortaste
porque me apoiei em tua misericórdia (GARCÍA MARTÍNEZ, 2000, p. 390).

Neste pano de fundo judaico, muito menos obscuro do que aquele mostrado pela “perspectiva tradicional”, a contribuição de Paulo também se mostra diferente. Longe de descobrir o “fracasso” do judaísmo, Paulo compreendeu o tempo em que vivia: o tempo final (*eschaton*, em grego). Os acontecimentos vividos (a morte do Messias, assim como sua exaltação à direita de Deus) faziam-no pensar que Deus havia antecipado o final prometido para o tempo presente: Paulo estava vivendo o final da história. A tradição pós-exílica contida no Segundo e no Terceiro Isaías (até os séculos VI e V a. C.) havia concebido o projeto de salvação de Deus como um projeto inclusivo ao qual estavam chamadas todas as nações no tempo final: “As nações caminharão na tua luz, e os reis, no clarão do teu sol nascente. Ergue os olhos em torno e vê: todos eles se reúnem e vêm a ti. Teus filhos vêm de longe, tuas filhas são carregadas sobre as ancas...” (Is 60,3-4). Visto que Paulo acreditava que o tempo final se antecipara, a morte de Jesus devia significar a união de judeus e pagãos, a destruição das fronteiras entre uns e outros, a abertura das portas de Jerusalém para todos os que acreditaram na nova oferta. A lei, portanto, que havia servido para conservar na aliança os judeus (e somente os judeus), fora superada por um novo acontecimento: o Evangelho oferecido a todos por Cristo em sua morte. A Torá, nesta visão de Paulo, era sinônimo de exclusivismo e etnocentrismo, situações abolidas com a morte de Cristo. A nova marca de identidade dos que aceitavam esta nova aliança não era a lei, mas a fé em Cristo (DUNN, 2005).

Esta “nova perspectiva” ofereceu, portanto, uma nova visão do Deus da aliança, assim como da história da salvação, tal como se havia visto até então. A criação, a partir desta leitura, é percebida como um dom de Deus, que fez bem a terra e tudo o que ela contém (“muito bom”, Gn 1,31). No entanto, apesar disso, algo saiu errado, porque o ser humano não respondeu ao plano inicial e truncou a vontade de Deus, deixando à mostra sua tendência à desobediência (Gn 3). Deus, uma vez mais, gratuitamente, ofereceu a Abraão uma aliança que queria evitar esta